

**Alocução da Presidente do Parlamento Europeu, Roberta Metsola,
na reunião do Conselho Europeu de 23 e 24 de junho de 2022, em Bruxelas**

Estes meses não têm sido fáceis. Estamos perante uma Rússia agressiva que rasgou as regras do jogo. Cada Estado – cada dirigente – está sob uma pressão sem precedentes, caracterizada por:

- uma inflação a um nível completamente inédito;
- uma crise energética que se traduz pela diminuição do aprovisionamento e pelo aumento dos custos;
- uma escassez de alimentos que significa uma possibilidade real de fome a nível mundial;
- um impacto social, a cada dia que passa mais acentuado, nas pessoas mais vulneráveis das nossas sociedades – acabadas de sair de uma pandemia que durou dois anos;
- mercados flutuantes que alimentam a incerteza;
- uma desinformação russa que incita ao populismo, ao nacionalismo e ao isolacionismo.

Trata-se de um momento em que temos de permanecer unidos. É um momento que não escolhemos, em relação ao qual não temos outra alternativa senão unir-nos.

Sei que não há respostas fáceis ou decisões fáceis, mas estou convicta de que existem soluções erradas, que temos de evitar.

E seria uma decisão historicamente errada não conceder hoje o estatuto de país candidato à Ucrânia e à Moldávia ou não dar uma perspetiva clara à Geórgia.

Estatuto de país candidato

É uma decisão que se justifica, que é necessária, que é possível e muito me apraz verificar que existe um consenso à volta desta mesa. Hoje é um dia histórico!

A adesão à UE não ocorrerá de um dia para o outro e fomos sempre honestos a este respeito, mas o estatuto de país candidato dará um impulso a uma agenda de reformas sem precedentes. Permitirá o acesso aos programas e, sobretudo, dará esperança aos que sofrem na Ucrânia, aos que estão preocupados na Moldávia, e traduzir-se-á em progressos concretos. Além disso, devemos deixar claro que não se trata apenas de um ato simbólico; trata-se de um ato que reforçará a UE e que reforçará a Ucrânia e a Moldávia. Mostrará aos nossos cidadãos, bem como aos cidadãos destes países, que os nossos valores são mais do que apenas retórica, que a esperança pode produzir resultados concretos. E outros países que aguardam – os dos Balcãs Ocidentais – também têm de constatar que a esperança conduz a resultados. Chegou o momento.

Fadiga da guerra

Seria também errado presumir que a opinião pública continuará a apoiar as nossas ações em favor da Ucrânia ou subestimar a dimensão da influência russa. Temos de reconhecer que a fadiga alimentada pela inflação está a instalar-se, que estamos a assistir a muitos casos em que a resiliência dos nossos cidadãos ao impacto social e económico está a decrescer, pelo que precisamos de reagir mais firmemente. Temos de lutar contra a narrativa do Kremlin e não alimentar os receios que esta propaga.

Não é o Pacto Ecológico que faz subir os preços ou leva a inflação a rondar os 20 %, em alguns casos. Não são as nossas sanções que prejudicam o poder de compra. Tal sucede porque o Kremlin quer mais influência; porque lhe é cómodo ter Estados vassallos; porque pensa que a democracia é um conceito frágil que enfraquece os Estados. Nós sabemos que é exatamente ao contrário.

Clima e energia

Seria uma decisão errada retroceder nos nossos objetivos climáticos a médio e longo prazo. Precisamos absolutamente de libertar-nos da energia russa, pôr termo às ilhas energéticas europeias e garantir a

nossa independência energética. Sem esta, como podemos falar de autonomia estratégica? Do mesmo modo, não podemos renegar uma promessa que fizemos a uma geração. É uma questão tanto de segurança como de ambiente. O meu apelo vai, assim, no sentido de velar por que as medidas imediatas e de curto prazo não se tornem a nova normalidade a médio prazo.

Inflação e impacto social e económico

Seria uma decisão errada repudiar as preocupações relativas ao aumento dos custos e da inflação como se fosse um fenómeno passageiro ou presumir que a situação não se agravará. Em muitos Estados, ainda não atingimos o ponto máximo. Necessitamos de uma abordagem firme, clara e unida que testemunhe a nossa solidariedade nestas circunstâncias. Não existe uma solução puramente nacional para fazer face ao impacto social e económico. Não devemos descartar nenhuma opção.

Sanções e ajuda à Ucrânia

Simultaneamente, temos de acelerar a prestação de ajuda militar, humanitária e financeira à Ucrânia. E temos de fazer progressos em matéria de sanções.

Estas são um instrumento útil se forem corretamente aplicadas e, neste caso, precisamos de iniciar o próximo pacote, colmatar as lacunas e ampliar as sanções, se necessário. E é necessário, dado que a Rússia aposta que nós vamos pestanejar primeiro. Aposta que a pressão que exerce sobre as nossas sociedades quebrará a nossa unidade e que poderá regressar à era das cortinas de ferro e das esferas de influência. Ao tempo do «nós» contra o «eles», ao tempo da «lei do mais forte». A Europa chegou demasiado longe para deixar que tal aconteça agora e a pressão sobre a Rússia também está a aumentar.

Segurança alimentar

Temos de repelir a propaganda falsa e cínica da Rússia que atribui a responsabilidade pela iminente crise de segurança alimentar às ações da Ucrânia ou às sanções da UE. A culpa é exclusivamente do agressor.

A este respeito, gostaria de louvar os esforços da Comissão e dos Estados-Membros no que diz respeito à iniciativa «Corredores Solidários». Devemos aumentar o seu número e resolver os estrangulamentos logísticos.

Migração

A nossa atenção está virada para Leste, mas não podemos subestimar o impacto que esta guerra terá também na nossa vizinhança meridional. Temos de estar preparados para ajudar e não podemos ser apanhados desprevenidos quando os fluxos migratórios voltarem a aumentar. Preocupa-me que, em breve, estejamos perante uma situação totalmente previsível, para a qual, mais uma vez, não estamos de todo preparados. Há opções à nossa disposição que nos poderão ajudar nesta realidade de crise omnipresente, em que as pessoas vulneráveis são utilizadas como peões em jogos geopolíticos.

O futuro da Europa

Sobre o futuro da Europa: temos de ser ambiciosos. Podemos reforçar a capacidade de ação da União em domínios vitais como a saúde, a energia, a defesa e os valores fundamentais. O Parlamento está pronto a agir como atestam as nossas duas resoluções. Não devem ser ignoradas. O passo natural seguinte é organizar uma convenção. Sei que alguns dos presentes estão relutantes, mas esta é forma de manter o debate sobre o nosso projeto da UE. Temos de estar preparados para analisar a forma como funcionamos e perceber onde podemos fazer melhor.

O Parlamento Europeu está pronto a fazer face aos nossos desafios. E está pronto a fazê-lo em conjunto com as instituições e os Estados-Membros.